



# O LEITOR

ISSN 2965-3699



Ano IV - Nº 25

X@OLeitorOficial

Agosto 2024

## PROSOPOPEIA

THOMAS MANN:

VELHICE É PAS-  
SADO QUE SE  
TORNOU PRE-  
SENTE, É PASSA-  
DO APENAS RE-  
COBERTO DE  
PRESENTE.



### NESTA EDIÇÃO

Prosopopeia	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
O mau ensino da língua e o hábito de leitura	3
Soneto à Origem da Língua Portuguesa	3
Prosopopeia: Um marco simbólico no Brasil	4
O Silêncio das Páginas	5
O tempo no livro "A Montanha Mágica"	6
Décadas Atrás!	7
A Montanha Mágica	8

*Prosopopeia* (1601) é considerado um dos primeiros marcos literários do Brasil colonial e da literatura portuguesa no Novo Mundo. Bento Teixeira, o autor dessa obra, originário de Pernambuco, foi um poeta influenciado pelo estilo renascentista e pelos modelos épicos de sua época. A obra, escrita em versos, segue a tradição do poema épico lusitano, especialmente evocando o estilo e a estrutura de *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

Composta em oitavas, forma típica dos poemas épicos, *Prosopopeia* é um poema dedicado ao então governador da Capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, a quem Bento Teixeira exalta e enaltece ao longo dos versos. A obra é marcada por sua natureza encomiástica, uma vez que o objetivo principal é louvar o governador e sua linhagem. Teixeira utiliza uma linguagem erudita e elaborada, mostrando sua habilidade com a métrica e seu domínio das convenções poéticas do período.

A obra apresenta fortes influências de Camões, tanto na forma quanto no conteúdo. Assim como em *Os Lusíadas*, Teixeira insere referências mitológicas e clássicas, criando um paralelo entre as grandes figuras históricas da Antiguidade e os colonizadores portugueses. No entanto, ao contrário da grandiosidade épica camoniana, que trata das conquistas marítimas de Portugal e dos heróis nacionais, *Prosopopeia* concentra-se mais na figura pessoal de Jorge de Albuquerque Coelho, suas conquistas e sua nobre linhagem.

A obra de Bento Teixeira foi produzida em um contexto muito peculiar. O Brasil colonial, à época, ainda estava em seus primeiros estágios de desenvolvimento cultural e literário. Havia uma grande preocupação em criar uma identidade literária própria, embora ainda muito vinculada à tradição europeia, especialmente à portuguesa. *Prosopopeia* é um exemplo dessa

tentativa de estabelecimento cultural, ainda fortemente dependente dos modelos renascentistas e clássicos de Portugal, mas que também começava a incorporar a paisagem, as lutas e os temas específicos do território brasileiro.

Embora a obra tenha sido publicada no início do século XVII, *Prosopopeia* ainda está enraizada nas convenções do Renascimento, mas já apresenta elementos que antecipam o Barroco, movimento que começaria a dominar a literatura luso-brasileira nas décadas seguintes. A exuberância da linguagem, o uso de metáforas e hipérboles, bem como a complexidade estrutural de alguns trechos, indicam uma transição estética, com Bento Teixeira já utilizando recursos que seriam característicos do Barroco.

*Prosopopeia* é uma obra que, embora não tenha tido um grande impacto literário no seu tempo, hoje é considerada fundamental para a história da literatura brasileira. Ela representa um dos primeiros momentos em que se tenta produzir uma literatura de expressão portuguesa em território brasileiro, marcando o início de uma trajetória literária que, ao longo dos séculos, evoluiria para uma identidade cultural e literária própria.

Além disso, *Prosopopeia* é importante por ser uma das poucas obras do período colonial brasileiro que chegaram até nós, oferecendo um vislumbre do que era a produção literária nos primeiros tempos do Brasil colonial. Embora seu conteúdo seja focado na exaltação de uma figura local de poder, ela também reflete as tensões, aspirações e visões de mundo de uma sociedade em formação, ainda profundamente enraizada na cultura europeia, mas já confrontada com a realidade do Novo Mundo.

Klaus Tolst  
tolst.klaus@hotmail.com



# EDITORIAL

Caríssimo leitor.

O “tempo” é um tema que nunca se esgotará na literatura, assim como sua própria definição, e especialmente porque conjugasse à filosofia toda e qualquer produção literária que desenvolve algo com esta temática.

Nesta edição, O Leitor traz a obra de Thomas Mann que trabalha este tema de maneira profunda e de forma fundamental em seus personagens e temas no enredo do romance “A Montanha Mágica”. Também o destaque que este informativo traz da obra poética de Bento Teixeira considera o tempo não como desenvolvimento de sua obra, mas como fundamento da língua que mentem a possibilidade de trabalhar o tempo na literatura e no discurso.

Não era o espaço para isso, mas diante de um atual cenário nacional no que toca a comunicação e liberdade de expressão, da qual depende também a liberdade literária, reproduzo a Nota que a Equipe O

Leitor compartilhou recentemente.

*Por consequência da recente insegurança e instabilidade causada por decisões jurídicas no Brasil, que são passíveis de profundas críticas e contestações, o informativo O Leitor irá tomar esta rede social (Threads) como seu canal oficial de divulgação e comunicação, visto que a rede social X (antigo Twitter) encontra-se suspenso de uso em território nacional.*

*Acreditamos na liberdade plena de expressão, que traz suas consequências benéficas e também as nem tão favoráveis, mas todas que de um modo ou de outro contribuem para um debate enriquecedor.*

*Cercear, ou mesmo censurar não é uma atitude que este veículo cultural pode aprovar ou mesmo se imiscuir de condenar.*

*Aguardaremos a resolução que devolverá a segurança em nosso país, no que se refere a plena liberdade para expressar e opinar.*

EOL

[www.oleitor.info](http://www.oleitor.info)

Editor

## **G** Nossa Gramática **Uso do Ç**

### Uso do c cedilha - ç

O cedilha é um sinal gráfico usado debaixo da letra c. Tem o som de ss (dois s) e fica com a seguinte aparência: “ç”. Nunca pode iniciar palavras e é usado sempre antes das vogais a, o e u.

A letra c, por sua vez, é usada sempre antes das vogais e e i. Por exemplo: centeio, peraltice, tencionar, cinto.

Confira a lista de palavras com cedilha:

#### Palavras de origem árabe, indígena ou africana

açafrão

açaí

açougue

açúcar

Açucena

#### Palavras formadas a partir dos sufixos -aça, -aço, -

ica, -iço, -uça

carduça

cansaço

Cobiça

#### Substantivos derivados de verbos que trocam o r pelo sufixo -ção

apreciação (apreciar)

atribuição (atribuir)

consideração (considerar)

#### Substantivos derivados de verbos de ação terminados em -ar

alienação (alienar)

canção (cantar)

consolidação (consolidar)

degradação (degradar)

#### Substantivos derivados de substantivos terminados em -ter, -tivo e -tor

absolvição (absolver)

afirmação (afirmativo)

asserção (assertivo)

contenção (conter)

## O MAU ENSINO DA LÍNGUA E O HÁBITO DE LEITURA

A relação entre a falta de leitura e o mau ensino da língua portuguesa é profunda e complexa, visto que a leitura desempenha um papel central no desenvolvimento de habilidades linguísticas e na compreensão da língua em seus múltiplos níveis. A leitura é uma das principais ferramentas para a aquisição de vocabulário, o entendimento das estruturas gramaticais e a assimilação de diferentes registros da língua. Quando a leitura é negligenciada ou pouco incentivada, isso pode ter impactos negativos tanto na aprendizagem da língua quanto na capacidade de comunicação dos alunos.

Apesar de complexa a associação da falta do hábito de leitura com o mau ensino da língua portuguesa, é de se notar que só poderá

existir alguma espécie de “gosto” pela leitura se houver um razoável aprendizado da língua mater, pois parece passível a conclusão de



que, sem a habilidade mediana da decodificação dos algarismos gramaticais, não há como interpretar um texto diante dos olhos. Do mesmo modo, não há como haver certo desenvolvimento cognitivo em vista de uma compreensão do que se lê, sem a rudimentar habilidade de nexo gramatical e do vocabulário.

Para mim, não conseguiremos ver um desejável hábito de leitura numa sociedade em que a língua portuguesa seja tão mal ensinada e patrocinada nas escolas e nas universidades. Apesar de haver alguns profissionais da língua que merecem o destaque, a maioria ainda é de um lamentável esforço raso e sem comprometimento apaixonado pelo que se ensina.

É preciso lembrar que uma identidade nacional está intimamente ligada a sua língua que necessita de leitores, que por sua vez precisam de boa formação no idioma nativo.

*Pedro Dóxil*

*pedrodoxil.oleitor@gmail.com*

## SONETO À ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA



De berço em terras lusas despontou,  
Da voz latina herdou sua raiz,  
Nos montes ibéricos se ergueu feliz,  
E em mares vastos sua cor levou.

Mistura de culturas, se formou,  
Mourisca herança e o canto o fez sutil,  
Nas ruas de Lisboa foi febril,  
E em novos mundos longe se espalhou.

Em Portugal, primeiro resplandeceu,  
Fez-se além-mar, nas Índias e Brasil,  
Em cada fala nova floresceu.

E hoje, em sons antigos e juvenis,  
A língua canta a história que viveu,  
Rastro de um povo audaz e varonil..

*Pedro Dóxil*



Apoio e divulgação:

**VALMI**

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

**Societas Libri**

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

**oleitor.info@gmail.com**

Ou faça a assinatura mensal pelo link [www.oleitor.info/assinatura](http://www.oleitor.info/assinatura)

## PROSOPOPEIA: UM MARCO SIMBÓLICO NO BRASIL

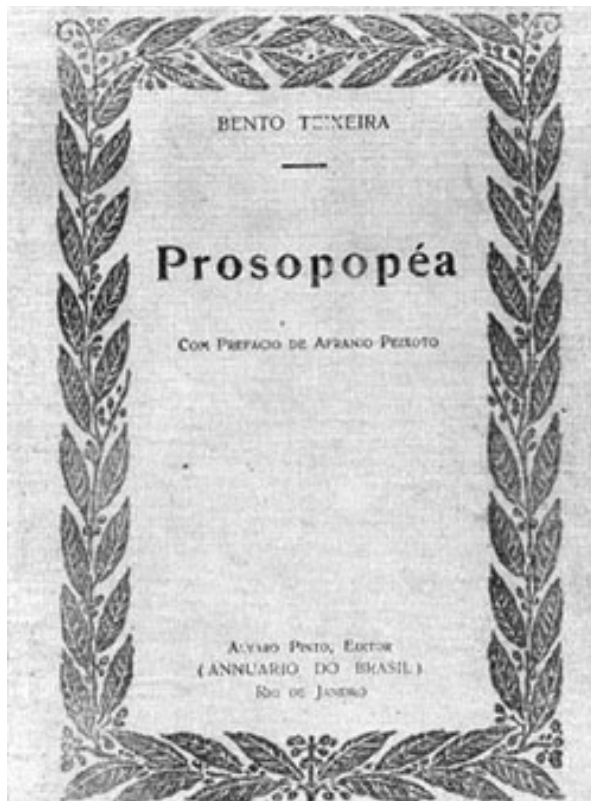
Bento Teixeira ocupa uma posição de grande relevância nos primórdios da literatura brasileira, sendo considerado por muitos como o autor da primeira obra literária escrita no Brasil, o poema épico *Prosopopeia*, publicado em 1601. Embora sua produção tenha sido limitada, a importância de Bento Teixeira vai além da quantidade de sua obra, pois ele estabeleceu as bases iniciais para o desenvolvimento da literatura no contexto colonial, em um período em que a cultura e as artes no Brasil ainda estavam profundamente ligadas à metrópole portuguesa. Neste comentário, exploraremos os aspectos que tornam Bento Teixeira uma figura fundamental no início da tradição literária brasileira.

A literatura brasileira colonial começou a se formar em um contexto no qual o Brasil era uma colônia de Portugal e, portanto, profundamente influenciado pela cultura e pela língua portuguesas. Nesse cenário, Bento Teixeira aparece como uma das primeiras vozes a tentar adaptar as formas literárias da Europa ao contexto do Novo Mundo. Sua obra *Prosopopeia*, um poema épico dedicado ao governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, é um marco porque representa a primeira tentativa de criar uma literatura brasileira que dialoga com a tradição europeia, mas que também começa a refletir a realidade local da colônia.

Ainda que fortemente influenciado por Luís de Camões, especialmente *Os Lusíadas*, Bento Teixeira oferece uma visão única da realidade colonial. Ele utiliza a linguagem e as formas épicas para celebrar um personagem importante da administração colonial, mostrando como as ferramentas literárias europeias podem ser adaptadas para exaltar figuras e acontecimentos locais. Esse processo de adaptação das formas literárias tradicionais é essencial para o desenvolvimento de uma identidade literária própria no Brasil.

A obra de Bento Teixeira também

está situada em um período de transição entre o Renascimento e o Barroco, duas correntes estéticas que moldariam a produção literária na colônia. Embora sua obra não possa ser classificada inteiramente como barroca, é possível perceber traços dessa estética emergente, como a ornamentação linguística, o uso de figuras de linguagem complexas e o tom exaltado que caracteriza *Prosopopeia*.



Ao mesmo tempo, Bento Teixeira manteve-se fiel às convenções renascentistas, como a imitação dos grandes autores clássicos e a busca pela harmonia e proporção formal. O uso da oitava rima, por exemplo, revela sua filiação à tradição camoniana e ao desejo de elevar sua poesia a um nível de sofisticação que espelhava as grandes epopeias europeias. No entanto, sua obra também reflete a tensão entre esse ideal clássico e a realidade colonial, que era marcada pela diversidade cultural, pela presença indígena e africana e pelas particularidades do ambiente natural do Brasil.

Embora *Prosopopeia* seja uma obra curta e não tenha tido o mesmo impacto imediato de outras produções literárias europeias, seu valor simbólico é

inegável. Bento Teixeira abriu o caminho para que a literatura começasse a florescer no Brasil, ainda que de forma lenta e gradual. Sua obra serviu de inspiração para autores posteriores, que continuariam a explorar as tensões entre o velho e o novo, entre a metrópole e a colônia, e entre o universal e o local.

Além disso, a importância de Bento Teixeira também pode ser medida pelo impacto de *Prosopopeia* na formação de uma identidade literária brasileira. Embora sua obra seja, de muitas maneiras, uma emulação dos estilos e temas da literatura portuguesa, ela já começa a esboçar um cenário literário que, ao longo dos séculos, evoluiria para algo mais independente e inovador. Bento Teixeira, portanto, não apenas contribuiu para a fundação da literatura brasileira, mas também ajudou a lançar as sementes de uma tradição que viria a florescer com autores como Gregório de Matos, José de Alencar e Machado de Assis.

Seu trabalho pode ser visto como uma espécie de "ponte" entre a literatura europeia e o futuro da literatura brasileira, um primeiro passo em direção à autonomia cultural que a colônia começaria a desenvolver nos séculos seguintes.

A importância de Bento Teixeira para o início da literatura brasileira reside em sua posição como um pioneiro. Em um período em que a literatura no Brasil ainda estava profundamente vinculada às tradições portuguesas, Teixeira foi um dos primeiros a tentar criar uma obra literária que, embora dependente de modelos europeus, começava a dialogar com a realidade colonial. Sua *Prosopopeia* é, portanto, mais do que um simples poema épico: é um marco simbólico na história da literatura brasileira, abrindo caminho para o desenvolvimento de uma tradição literária nacional.

*Grazia Romano*



## O SILÊNCIO DAS PÁGINAS

Nas profundezas de uma biblioteca antiga, onde o ar era denso com o cheiro de pergaminho envelhecido, vivia Abel. Ele não se considerava um eremita, mas suas escolhas o haviam levado à reclusão. Desde muito jovem, sentia uma fome insaciável por conhecimento. A cada descoberta, a cada verdade revelada em livros raros e esquecidos, ele se afastava um pouco mais do mundo exterior.

Aos trinta anos, Abel não possuía família, amigos ou amores. Sua vida era dedicada a um único propósito: entender o universo e seus segredos. Os dias se fundiam uns nos outros. Luz do sol e escuridão eram marcados apenas pela dança lenta das sombras nas paredes da biblioteca. Abel lia incessantemente, buscando respostas que poucos ousavam perguntar.

O conhecimento, porém, tem um preço. E Abel sentiu isso em sua alma. Conforme sua mente se expandia, seu coração se fechava. As verdades que descobria, as complexidades do tempo, do espaço e da condição humana, o faziam perceber o quanto era pequeno. Sua busca o isolava. Ele se tornava um estranho para as pessoas comuns, cujas vidas lhe pareciam insignificantes, cheias de trivialidades. As conversas sobre o cotidiano, sobre amores e sonhos, lhe eram irrelevantes.

Certa noite, enquanto lia um tratado antigo sobre o tempo e a mortalidade, Abel se deparou com uma frase que o paralisou: "Aquele que busca todas as

respostas está destinado à solidão eterna, pois o conhecimento é o mais pesado dos fardos." Ele fechou o livro, sentindo o peso das palavras em seus ombros, mais pesado do que qualquer verdade que já havia descoberto.

Nos dias que seguiram, o silêncio de sua biblioteca começou a sufocá-lo. Ele já não conseguia se perder nas palavras como antes. Um vazio crescia



dentro de si, uma ausência que o estudo não podia preencher. Ele percebeu, tardiamente, que sua busca incessante o havia distanciado das conexões humanas, das pequenas coisas que trazem significado à vida.

O toque de uma mão amiga, o riso compartilhado, até mesmo as discussões banais – tudo aquilo que ele rejeitara agora parecia um oásis inalcançável. E quanto mais compreendia os mistérios do mundo, menos entendia o seu próprio coração.

Abel se levantou da cadeira e olhou para as estantes que o cercavam. Eram seus templos, suas moradas.

Mas, pela primeira vez, ele não sentia paz ali. Sabia que havia alcançado um ponto sem retorno. Podia continuar sua jornada em busca das últimas verdades, mas a cada resposta, estaria mais sozinho. Ou poderia desistir e voltar para o mundo, onde talvez houvesse consolo, mas também ignorância.

Naquela noite, Abel deixou a biblioteca pela primeira vez em anos. O vento frio da noite o envolveu, e ele ergueu os olhos para as estrelas, sentindo-se insignificante diante de sua vastidão. Ele compreendeu, enfim, que o conhecimento traz luz, mas essa luz também pode cegar. A solidão que o consumia era o preço por buscar verdades que poucos ousariam encarar.

E assim, Abel se tornou um mito entre os poucos que o conheciam. Diziam que ele vagava pelas montanhas, sozinho, conversando apenas com os ventos. Ele havia encontrado todas as respostas que procurava, mas havia perdido tudo o que realmente importava.

*Anônimo*

Todos os escritores que nos enviam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudônimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).

Patrocinadores

*Conheça o site oficial do professor Valderi da Silva*

[www.valderi.com.br](http://www.valderi.com.br)

Acesse—Leia—Seja Membro—Compartilhe

Siga no Instagram a página Valmi Projetos Gráficos e Comunicação

[www.instagram.com/valmi.pgc](https://www.instagram.com/valmi.pgc)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

Siga no Instagram a página O Leitor-Informativo Literário

[www.instagram.com/\\_oleitoroficial](https://www.instagram.com/_oleitoroficial)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

# O TEMPO NO LIVRO A MONTANHA MÁGICA

O tema do tempo em *A Montanha Mágica* é um dos aspectos mais fascinantes e centrais da obra de Thomas Mann. Logo no início do livro, Hans Castorp chega ao sanatório planejando uma breve visita de três semanas ao seu primo, Joachim Ziemssen. No entanto, ele acaba permanecendo por sete anos, uma transformação que subverte a noção de tempo no romance. No sanatório, o tempo parece desacelerar, tornando-se elástico e fluido. O ambiente montanhoso, isolado do mundo exterior, e a rotina monótona e repetitiva dos pacientes criam a sensação de que o tempo não segue seu curso habitual. Essa ideia é reforçada pela doença que permeia o sanatório: os pacientes, presos em uma espécie de limbo entre a vida e a morte, experimentam uma existência onde o tempo se dilata e perde seu sentido comum.

Mann utiliza o sanatório como uma metáfora do tempo suspenso. As longas refeições, as sessões de repouso e a observação dos pacientes por meio de exames médicos constantes são parte de um ciclo que parece nunca mudar. O mundo exterior, marcado pelo dinamismo e pelo avanço, é deixado de lado, enquanto dentro do sanatório o tempo parece estar em pausa.

Ao longo da narrativa, Hans Castorp e outros personagens refletem sobre o tempo, muitas vezes questionando sua natureza. Hans experimenta o tempo de maneira cada vez mais subjetiva, à medida que sua permanência no sanatório se prolonga. Ele passa a perceber que o tempo não é uma entidade objetiva e mensurável, mas uma experiência interna, moldada por fatores como o tédio, a introspecção e o estado físico e emocional.

Essa noção subjetiva do tempo é central no romance. Mann sugere que a percepção do tempo está intimamente ligada ao estado psicológico dos personagens. No sanatório, onde a vida cotidiana é marcada por um ritmo lento e constante, os pacientes e Hans experimentam o tempo de uma maneira distorcida. As semanas e os meses começam a se confundir, e a distinção entre o passado, o presente e o futuro se torna nebulosa. Hans, em particular, parece perder a noção de quanto tempo realmente se passou, imerso em um ambiente que desafia a contagem racional dos dias.

Embora o tempo no sanatório pareça estático, *A Montanha Mágica* também explora a ideia de transformação através do tempo. Hans Castorp, que chega como um jovem ingênuo e saudável, gradualmente passa por uma mudança tanto física quanto espiritual ao longo dos anos. O tempo, embora dilatado,

ainda traz a inevitabilidade da transformação. A montanha, com seu clima inóspito e as discussões filosóficas que ocorrem no sanatório, funciona como um espaço de reflexão profunda sobre a passagem do tempo e seus efeitos no desenvolvimento do caráter.

Mann também associa o tempo à morte. A tuberculose, que aflige muitos dos pacientes no sanatório, é uma doença que mata lentamente, e a morte paira como uma presença inevitável no romance. O tempo, assim, é percebido não apenas como um agente de transformação, mas também como um caminho em direção à mortalidade.

O tempo em *A Montanha Mágica* é discutido filosoficamente em diversas passagens. O protagonista, Hans Castorp, envolve-se em discussões com personagens como Settembrini e Naphta, que representam diferentes perspectivas sobre a vida, o progresso e o papel do tempo na existência humana. Enquanto Settembrini vê o tempo como

um aliado do progresso e da evolução da humanidade, Naphta oferece uma visão mais pessimista, onde o tempo é uma força destrutiva, associada à decadência e aos casos.

Essas discussões filosóficas são emblemáticas do estilo de Thomas Mann, que utiliza os diálogos entre seus personagens para explorar grandes temas da modernidade,

como a tensão entre o progresso e a destruição, a razão e a irracionalidade. O tempo, nesse contexto, é uma questão fundamental: ele não é apenas uma medida objetiva da duração, mas um reflexo das forças espirituais e intelectuais em conflito.

O tempo em *A Montanha Mágica* é muito mais do que uma simples passagem cronológica; é um elemento profundamente filosófico que permeia todas as camadas da narrativa. Ele é tratado como uma experiência subjetiva, influenciada por fatores psicológicos, físicos e culturais, e está intimamente ligado à doença, à morte e à transformação pessoal. Thomas Mann utiliza o tempo para explorar questões sobre a condição humana, a modernidade e os conflitos ideológicos que marcaram o início do século XX. No final, o tempo no sanatório é tanto uma prisão quanto um espaço de autodescoberta, refletindo as complexidades da vida e do pensamento no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial.

Valderi da Silva

[valderi@valderi.com.br](mailto:valderi@valderi.com.br)





# DÉCADAS ATRÁS!

B I O G R A F I A

Thomas Mann, nascido em 6 de junho de 1875 em Lübeck, Alemanha, é amplamente considerado um dos maiores escritores do século XX. Sua obra, que explora as complexidades da condição humana, a moralidade e as tensões sociais, foi fortemente influenciada pelo contexto político e cultural da Europa, especialmente durante o período das duas guerras mundiais. Mann recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1929 por seu romance *Os Buddenbrooks* (1901), que catapultou sua carreira e consolidou sua reputação como um dos mais importantes autores de seu tempo.

Mann nasceu em uma família abastada de Lübeck, uma cidade comercial do norte da Alemanha. Seu pai, Thomas Johann Heinrich Mann, era um comerciante e senador, e sua mãe, Júlia da Silva Bruhns, tinha ascendência brasileira e portuguesa. A vida familiar e o contexto social burguês influenciaram profundamente seu primeiro grande romance, *Os Buddenbrooks*, que é uma crônica familiar baseada nas experiências da sua própria família e nos dilemas que enfrentaram com o declínio da fortuna.

Após a morte de seu pai, em 1891, a família mudou-se para Munique. Ali, Mann começou a estudar história da arte e literatura, embora nunca tenha concluído um curso formal. Ele logo começou a trabalhar como jornalista e editor, ao mesmo tempo em que escrevia suas primeiras histórias curtas. Seu irmão mais velho, Heinrich Mann, também se tornaria um importante escritor, e o relacionamento entre os dois, embora repleto de rivalidades e tensões ideológicas, teve um impacto significativo em suas respectivas obras.

O sucesso veio cedo para Mann. *Os Buddenbrooks*, seu primeiro romance de grande fôlego, foi publicado em 1901, quando ele tinha apenas 26 anos. A obra é uma saga familiar que narra o declínio de uma rica família mercante ao longo de várias gerações, e reflete tanto as experiências pessoais de Mann quanto as mudanças sociais da Alemanha do final do século XIX. A recepção crítica foi amplamente positiva, e o livro continua a ser uma de suas obras mais conhecidas e estudadas até hoje.

Nos anos seguintes, Mann continuou a produzir obras de ficção e ensaios. Entre seus contos mais importantes está *A Morte em Veneza* (1912), uma narrativa que explora a tensão entre a beleza, o desejo e a decadência. Esse conto, que narra a obsessão de um escritor idoso por um jovem rapaz enquanto ele visita Veneza, é considerado uma obra-prima e exemplifica o interesse de Mann pelas complexidades psicológicas e morais.

Em 1924, Mann publicou *A Montanha Mágica* (*Der Zauberberg*), um de seus romances mais ambiciosos e profundos. Situado em um sanatório para tuberculosos nos Alpes Suíços, o livro é uma reflexão alegórica sobre a sociedade europeia do início do século XX, abordando temas como a doença, o tempo, a morte e o confronto de ideologias opostas. Mann trabalhou na obra durante a Primeira Guerra Mundial e, assim como em suas outras produções, misturou elementos autobiográficos com profundas questões filosóficas. O livro foi amplamente aclamado e consolidou ainda mais sua reputação como um dos maiores autores do século.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Mann inicialmente apoiou o nacionalismo alemão, mas sua posição mudou radicalmente ao longo dos anos 1920 e 1930. Com o surgimento do nazismo, ele se tornou um forte crítico do regime de Adolf Hitler. Em 1933, quando os nazistas chegaram ao poder, Mann estava em uma turnê pela Suíça e decidiu não voltar para a Alemanha. Seus livros foram banidos e queimados pelos nazistas, e ele se tornou uma das figuras mais proeminentes do exílio alemão.



Após a guerra, Mann voltou brevemente para a Europa, estabelecendo-se em Zurique, Suíça, onde passou os últimos anos de sua vida. Ele continuou a escrever e a receber homenagens pelo seu trabalho, sendo reconhecido como uma das grandes mentes literárias e intelectuais do seu tempo. Faleceu em 12 de agosto de 1955, aos 80 anos.

Thomas Mann deixou um legado monumental na literatura mundial. Sua obra, que vai desde os dramas familiares de *Os Buddenbrooks* até as meditações filosóficas de *A Montanha Mágica* e *Doutor Fausto*, explora as mais profundas questões sobre a natureza humana, a cultura e a sociedade. Mann foi um autor que atravessou épocas de grandes transformações e turbulências, sempre utilizando sua escrita para refletir e comentar sobre as complexidades de seu tempo.

Thomas Mann deixou um legado monumental na literatura mundial. Sua obra, que vai desde os dramas familiares de *Os Buddenbrooks* até as meditações filosóficas de *A Montanha Mágica* e *Doutor Fausto*, explora as mais profundas questões sobre a natureza humana, a cultura e a sociedade. Mann foi um autor que atravessou épocas de grandes transformações e turbulências, sempre utilizando sua escrita para refletir e comentar sobre as complexidades de seu tempo.

Além do Prêmio Nobel de Literatura, sua influência sobre a literatura e a filosofia do século XX é imensurável. Mann foi um intelectual cujas obras permanecem relevantes e são estudadas amplamente até hoje, oferecendo reflexões atemporais sobre a natureza da existência humana e os dilemas morais da modernidade.

Valderi da Silva

[valderi@valderi.com.br](mailto:valderi@valderi.com.br)



## DÉCADAS ATRÁS! A MONTANHA MÁGICA

Publicado em 1924, *A Montanha Mágica* (Der Zauberberg), de Thomas Mann, completa neste ano de 2024 seu centenário, e é uma das obras literárias mais influentes do século XX. O romance, escrito ao longo de uma década, explora temas filosóficos e culturais que refletem as complexas transformações da Europa do início do século. Situado em um sanatório nos Alpes Suíços, o livro oferece uma meditação profunda sobre a doença, o tempo, a morte e os conflitos ideológicos que antecederam a Primeira Guerra Mundial.

O protagonista da obra é Hans Castorp, um jovem engenheiro que vai visitar seu primo Joachim Ziemssen, internado em um sanatório para tuberculosos. Originalmente, Hans planeja ficar apenas três semanas, mas acaba permanecendo por sete anos. Esse período prolongado é a chave para o enredo de *A Montanha Mágica*, pois representa a dilatação do tempo, um dos temas centrais do romance. Mann utiliza o espaço do sanatório como uma metáfora para um microcosmo da sociedade europeia, onde diferentes personagens e ideologias se confrontam e dialogam.

O sanatório, isolado das pressões do mundo exterior, é um lugar onde o tempo parece suspenso, uma espécie de "tempo fora do tempo". Hans Castorp mergulha nesse ambiente, perdendo-se nas discussões intelectuais com figuras que representam diferentes correntes de pensamento da época. A doença, representada pela tuberculose, serve não apenas como uma condição física, mas como um símbolo da decadência moral e espiritual da Europa no período pré-guerra.

A relação entre o tempo e a doença é um dos aspectos mais fascinantes do romance. Hans, no início, parece um visitante saudável em um ambiente de pessoas doentes. No entanto, à medida que sua estadia se prolonga, ele se deixa seduzir pelo ritmo lento e pelos rituais do sanatório. O tempo, que no início parecia um fator limitado e controlado, começa a se expandir e a perder seu significado. Mann trabalha com a ideia do tempo não como uma sequência linear, mas como uma experiência subjetiva, onde a percepção do tempo é distorcida pela monotonia e pela introspecção.

A doença, por outro lado, é um veículo para explorar a fragilidade humana e a impermanência da vida. No sanatório, a morte é uma presença constante e inevitável. As discussões sobre saúde e doença, assim como os tratamentos médicos peculiares e repetitivos, revelam a luta da humanidade contra as forças que estão além de seu controle.

Outro ponto central do romance é o confronto entre diferentes ideologias e visões de mundo. Dois personagens em particular, Lodovico Settembrini e Leo Naphta, personificam essas tensões. Settembrini, um humanista otimista, representa os valores do Iluminismo, da razão e do progresso. Ele acredita na capacidade da humanidade de melhorar através do conhecimento e da educação. Naphta, por outro lado, é um intelectual radical e pessimista, que defende a revolução e o poder da destruição como forma

de regeneração. Ele é uma figura complexa, que mistura elementos de anarquismo, comunismo e misticismo religioso.

Esses dois personagens, com suas discussões acaloradas e polarizadas, representam as forças opostas que estavam em jogo na Europa da época. A tensão entre o liberalismo e o autoritarismo, o racionalismo e o misticismo, o progresso e a destruição, reflete as correntes políticas e filosóficas que culminariam na Primeira Guerra Mundial. Hans Castorp, o protagonista, oscila entre essas duas figuras, sem se alinhar completamente a nenhuma delas, o que demonstra a complexidade e ambiguidade da situação europeia no início do século XX.

Ao longo do romance, Hans Castorp passa por um processo de transformação e amadurecimento intelectual e espiritual. No início, ele é um jovem ingênuo, sem grandes preocupações ou ambições, que vê o sanatório como um lugar exótico e distante do mundo real. À medida que o tempo passa, ele se envolve em discussões filosóficas, apaixonando-se por Clawdia Chauchat, uma paciente russa, e é confrontado com questões profundas sobre a vida, a morte e o significado da existência.

A permanência de Hans no sanatório não é apenas física, mas metafórica. Ele entra em um estado de introspecção e contemplação, onde questiona suas próprias convicções e crenças. Ao final do romance, quando decide deixar o sanatório e se junta às forças que lutam na Primeira Guerra Mundial, Hans simboliza a geração de europeus que foram confrontados com a brutalidade e a destruição, após um período de estagnação e indecisão.

Thomas Mann utiliza um estilo narrativo sofisticado, repleto de referências culturais, filosóficas e literárias. Sua prosa densa e detalhada exige atenção e reflexão por parte do leitor. *A Montanha Mágica* pode ser lida em diferentes níveis: como uma alegoria histórica, um estudo psicológico ou uma meditação filosófica. Mann utiliza o espaço fechado do sanatório como um palco para discutir as grandes questões que estavam moldando o destino da Europa no início do século XX.

Além disso, a obra está imbuída de influências do romantismo alemão e do simbolismo, com uma forte ênfase na estética e na ideia de que a arte e a literatura são reflexos das tensões espirituais da época. A presença de elementos simbólicos, como a montanha, a neve e a doença, acrescenta camadas de interpretação à obra, transformando o romance em um complexo labirinto de significados.

*A Montanha Mágica* é uma obra monumental que reflete as crises e os dilemas da modernidade. Através de seu protagonista Hans Castorp e dos debates filosóficos que ocorrem no sanatório, Thomas Mann constrói uma alegoria da Europa em um momento de transição e incerteza. O romance aborda temas atemporais, como o confronto entre razão e emoção, progresso e destruição, saúde e doença, tornando-se uma das obras mais ricas e influentes da literatura mundial. A profundidade filosófica e a capacidade de Mann de explorar o espírito do seu tempo tornam *A Montanha Mágica* uma leitura desafiadora e recompensadora para qualquer época.

Valderi da Silva

[valderi@valderi.com.br](mailto:valderi@valderi.com.br)

